

A POLÍCIA E SUA FILTRAGEM: UMA ANÁLISE DOS DIACRÍTICOS POLÍCIAS NA CIDADE DE BARBACENA ¹

Marcelle Luiz de Andrade (PPGA-UFF/RJ)²

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo a realização de uma breve análise antropológica, de uma pesquisa ainda em andamento, sobre como os discursos e as práticas da segurança pública se relacionam no espaço público no Brasil, mas especificamente na cidade de Barbacena em Minas Gerais. Trago um debate em torno da atuação da Polícia Militar de Minas Gerais (PM/MG), no tocante a abordagem do suspeito, principalmente o observado nas periferias em suas práticas cotidianas. O breve estudo aponta que existe uma seletividade no olhar do policial em sua atuação, o objetivo é compreender quais são estes diacríticos e como eles se transferem dentro da polícia, por meio de seus agentes, e refletido nas ruas. Deste modo, é notório uma análise e um questionamento sobre as práticas empregadas por esses policiais em suas abordagens, refletindo assim na visão das políticas públicas, é de suma importância analisar e estudar a abordagem policial, para que cada vez mais esse tema seja discutido no cenário acadêmico e social.

Palavra-chave: PM/MG, Democracia Brasileira, Abordagem Policial

ABSTRACT: This work aims at a brief anthropological analysis of an ongoing research on how public security discourses and practices are related in the Brazil public space, but specifically in the city of Barbacena in Minas Gerais. I bring a debate about the performance of the Military Police of Minas Gerais (PM / MG), regarding the approach of the suspect, especially the one observed in the peripheries in their daily practices. The brief study indicates that there is a selectivity in the policeman's look at his performance, the objective is to understand what these diacritics are and how they transfer within the police through their agents and reflected on the streets. In this way, it is notorious an analysis and a questioning about the practices employed by these policemen in their approaches, thus reflecting in the public policy vision, it is of paramount importance to analyze and study the police approach, so that this topic is more and more discussed in the academic and social setting.

Keyword: PM/MG, Brazilian Democracy, Police Approach

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF

² Bacharel em Direito e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade do Estado de Minas Gerais-UEMG, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense-PPGA/UFF.

INTRODUÇÃO

O tema trazido neste trabalho chamou-me a atenção pela primeira vez após os dois casos emblemáticos que dominaram as mídias do Rio de Janeiro, o caso do pedreiro Amarildo³ e do menino Juan⁴, e a partir daí decidi pesquisar sobre filtragem e abordagem policial, mas especificamente sobre como os diacríticos policiais são estabelecidos a um suspeito e como ocorre a construção do olhar do policial em sua abordagem. Acompanhei algumas entrevistas junto aos membros do Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro (COMDEDINE)⁵, com sede na Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, como o objetivo de ouvir as demandas sobre o a abordagem policial nas periferias que chegavam até eles, e também compareci junto à FUNDAÇÃO PALMARES⁶, situada no centro da mesma cidade, como o mesmo intuito. E foi por meio dessas entrevistas e as narrativas sobre alguns relatos de violência policiais nas periferias cariocas, que fui desenvolvendo um interesse maior sobre o tema com o objetivo de pesquisa-la, vindo a ser o tema de minha monografia.

No final de 2017 e início do 2018 tive conhecimento de alguns relatos de moradores da Maré sobre a atuação da polícia no complexo, atuação que vinha se mostrando muito dura pela fala de meus interlocutores, e decidi então pesquisar o que compõe a construção desse olhar policial a um suspeito. Essas falas me levaram a pensar sobre o que o professor Jorge da Silva, em seu livro “Violência e Racismo no Rio de Janeiro”, já mencionava sobre a atuação da PM/RJ há 20 anos atrás, afirmando que a discriminação social, de classe, vai-se constatar que o fator raça/cor acentuando peso na produção da violência experimentada na cidade, e que a abstração desse dado, em vez de contribuir para a atenuação dos conflitos inerentes a qualquer sociedade, funcionará como potencializador desses conflitos, o que é visto até hoje nas favela cariocas.

³ O pedreiro Amarildo Dias de Souza foi levado por policiais militares para um interrogatório na Sede da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da Favela da Rocinha, na cidade do Rio de Janeiro, por uma operação denominada “Operação Paz Armada”, ocorrida nos dias 13 e 14 de julho de 2013 e desapareceu.

⁴ Juan desapareceu em de junho 2011, logo após um confronto entre policiais militares e traficantes da Favela Danon, onde o menino morava. O corpo do garoto apareceu dez dias depois, às margens do Rio Botas, em Belford Roxo, na Baixada Fluminense. Os quatro PMs envolvidos foram presos e condenados pela morte do menino.

⁵ O CONDEDINE é o Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro é uma organização de consulta e interação da comunidade com o Governo da Cidade do Rio de Janeiro. Lei Nº 1370, de 29 de dezembro de 1988. Para maiores informações acessar: <http://www0.rio.rj.gov.br/comdedine/>.

⁶ A Fundação Palmares foi criada no ano de 1988, quando o Governo Federal fundou a primeira instituição pública voltada para promoção e preservação da arte e da cultura afro-brasileira. Para maiores informações acessar: http://www.palmares.gov.br/?page_id=95.

Porém, morando há 3 anos em Minas Gerais, na Cidade de Barbacena, tive o interesse de pesquisar a abordagem policial na cidade, e perceber como se constrói e perpassa os traços do suspeito em contextos diversos. Desta forma, a proposta do trabalho é trazer uma análise de forma embrionária, pois a pesquisa está em sua fase inicial, sobre como os discursos e as práticas da segurança pública se relacionam em diferentes contextos no Brasil, mas especificamente na Cidade de Barbacena, e uma possível comparação com a Cidade do Rio de Janeiro.

O argumento trazido é, a partir de uma primeira análise, que a forma de atuação da polícia, em sua abordagem policial, seja diverso em diferentes contextos sociais, fazendo com que o tratamento ao cidadão seja seletivo e específico a certas localidades e pessoas por parte desses agentes.

DA ATUAÇÃO DA POLÍCIA MILITAR NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, PARA A CIDADE DE BARBACENA EM MINAS GERAIS:

O Complexo da Maré, localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, maior conjunto de favelas da cidade composta pela Baixa do Sapateiro, Morro do Timbau, Parque Maré, Nova Maré, Nova Holanda, Rubens Vaz, Parque União, Conjunto Esperança, Conjunto Pinheiros, Vila do Pinheiro, Vila do João, Salsa e Merengue, Marcílio Dias, Roquete Pinto, Praia de Ramos, Bento Ribeiro Dantas e Mandacaru, vem sendo alvo da atuação da polícia há algum tempo, e intensificado depois da intervenção militar no Estado. A forma como é conduzida a abordagem, em relação aos moradores no complexo, é fato que vindo sendo exposto nas mídias, principalmente pela ONG *Redes da Maré*, na página do *facebook* Maré Vive, no site do Observatório da Intervenção⁷, e também trazidas por Marielle Franco, vereadora executada no dia 14 de março de 2018. Diversos adesivos e folhetos com orientações aos moradores sobre a prevenção contra possíveis abusos de policiais foram distribuídos na favela Nova Holanda. A Redes da Maré, através de seus representantes, alega que registra de duas a três reclamações por semana de violência por moradores, fato este exposto pelo site da OAB/RJ⁸.

⁷Página do facebook da Maré Vive https://www.facebook.com/pg/Marevive/posts/?ref=page_internal e site do observatório da intervenção <http://observatoriodaintervencao.com.br/>

⁸ <https://oab-rj.jusbrasil.com.br/noticias/100171213/ong-lanca-campanha-contr-a-violencia-policial-na-mare>

Ao tomar ciências dos acontecendo na Maré, refleti sobre o caso da cidade de Barbacena, a qual resido atualmente, cidade de aproximadamente 140 mil habitantes em Minas Gerais, onde ocorrera o primeiro caso de morte por um policial a um jovem morador da periferia da cidade. O jovem Warlen Souza⁹, de 23 anos, foi morto ao ser alvejado por um policial militar durante uma abordagem no Bairro Grogotó, bairro conhecido pelos moradores como sendo de classe econômica baixa e violento, da cidade. De acordo com as investigações, foi confirmado que a vítima estava de carona em uma motocicleta pilotada por um rapaz conhecido no meio policial por participação em diversos crimes. A vítima se encontrava desarmada e não houve troca de tiro com a polícia.

Nos diferentes contextos o que me chamou atenção foi o modo com que a polícia atua em ambas as cidades, principalmente nas áreas tidas como mais pobres da cidade. Na cidade do Rio de Janeiro, através da pesquisa da minha monografia, analisei que existe com um recorte racial na abordagem da polícia carioca, fazendo com que o Estado atue de forma discriminatória em diversos contextos pela da cidade do Rio de Janeiro. Essa mesma atuação diferenciada me chamou atenção no caso da polícia de Barbacena também, a princípio, ao desferir um tiro nas costas de um jovem um bairro da cidade, pois alguns interlocutores alegavam que o policial só agiu assim pois estava em um bairro considerado violento, que o mesmo não aconteceria em um bairro de classe média, fato que me lembrou uma passagem do livro do Jorge da Silva:

“discriminação social”, de classe, vai-se constatar que o fator raça/cor tem acentuado peso na produção da violência experimentada na cidade, e que a abstração desse dado, em vez de contribuir para a atenuação dos conflitos inerentes a qualquer sociedade, funcionará como potencializador desses conflitos. (SILVA, 1998)

Enquanto no Rio de Janeiro percebesse um fator racial na atual na polícia nas periferias, em Barbacena o estereótipo do morador da periferia (numa análise embrionária) vem se apresentando como um elemento que difere o policial em sua abordagem, muito pelo modo da roupa dos jovens dessas localidades. Para corroborar com essa discussão, trago mais um dado relevante, desta vez, sobre o novo comandante

⁹ <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/policia-civil-confirma-que-jovem-foi-morto-por-policial-militar-em-barbacena.ghtml>

da Rota¹⁰ na cidade de São Paulo. Este alega que a abordagem do policial no Bairro Jardins, nobre, tem que ser diferente da abordagem da periferia, corroborando mais uma vez que as abordagens sejam seletivas pela cidade.

"- É uma outra realidade. São pessoas diferentes que transitam por lá. A forma de abordá-lo tem que ser diferente. Se ele, policial, for abordar uma pessoa [na periferia], da mesma forma que ele for abordar uma pessoa aqui nos Jardins, Região nobre de São Paulo, ele vai ter dificuldade. Ele não vai ser respeitado"

Vale salientar que DaMatta (1997) afirma que o uso da expressão "Sabe com quem está falando", demonstra o traço de um rito de autoridade presente na vida social brasileira. Assim, a demonstração de poder nas relações cotidianas é uma constante entre nós. Somos uma sociedade que reconhece através do poder e da hierarquia a manifestação de prestígio, e os grupos que detêm o poder e que estão em alguma posição de hierarquia superior são aqueles vistos como os detentores do prestígio. O Autor afirma que a sociedade brasileira vive em uma dicotomia entre o cordial e a manifestação de poder para demonstrar força, prestígio e estabelecer hierarquicamente sobre o outro, fato este que é visto pelas autoridades policiais em muitas das atuações relatadas nas periferias.

Ora, que o estudo do "sabe com quem está falando?" permite realizar é a descoberta da espécie de paradoxo numa sociedade voltada para tudo o que é universal e cordial, a descoberta do particular e do hierarquizado. (DaMatta, 1997, p.192)

Assim, a filtragem policial e a construção dos diacríticos configuram um sistema classificatório visto no texto de Durkheim e Mauss (1981), uma vez que o homem tem a tendência de organizar e classificar o mundo que o cerca, o mesmo ocorre na polícia através de seus sistemas classificatórios em sua filtragem policial, fazendo com que uns sejam tratados como cidadãos e outros não. Pois, ao abordar de forma diferenciada em localidades diversas, fica claro que existe um sistema classificatório no olhar desse policial. Minha pesquisa se propõe a entender quais são os diacríticos que diferem esse olhar da polícia na cidade de Barbacena, qual sistema classificatório é usado pela polícia nesta cidade?

¹⁰<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/08/24/abordagem-no-jardins-e-na-periferia-tem-de-ser-diferente-diz-novo-comandante-da- rota.htm?cmpid=copiaecola>

Elizabete Albernaz (2015) diz que o olhar do policial é construído por seus repertórios. Que os policiais mobilizam valores oriundos de múltiplos contextos de significação, um processo de reconhecimento, um repertório construído a partir de uma experiência acumulada. Afirmando que a experimentado da “rua”, seus hábitos, sua aparência; seus caminhos, atalhos, rotas de fuga, esconderijos, compõe o chamado faro polícia. Desta forma pesquisar os elementos que compõe a construção do suspeito na abordagem da PM/MG é um fator primordial para a pesquisa.

Desta forma, percebo, por meio dos casos que chegam a mim, que existe um ideário de suspeito em ambos os contextos analisados, que se reflete na Instituição do Estado em sua abordagem principalmente nas áreas de baixa renda. Deste modo, é de suma importância uma análise e um questionamento sobre as práticas empregadas por esses policiais, refletindo assim na visão das políticas públicas, uma vez que o policial é a figura do Estado, assim como afirma Max Weber (2004) quando diz que há distribuição, manutenção ou transferência do poder em uma determinada associação política, na prática de sua abordagem.

Existe uma seletividade na ação policial, e minha pesquisa se debruça em pesquisar quais são os elementos dessa seletividade na cidade de Barbacena, que *a priori* se diferencia do percebido na Cidade do Rio de Janeiro, cujo o recorte acontece fortemente pela cor da pele, e na cidade Mineira a pobreza e marginalização, que perpassa um estereótipo presente na roupa- principalmente moletom e capuz, se destaca na abordagem policial.

UM PRIMEIRO OLHAR SOBRE O CAMPO:

Nessa parte do trabalho pretendo expor as primeiras impressões com base na inserção no campo, que aconteceu em abril de 2018 depois da primeira morte pela polícia a um jovem na cidade de Barbacena. Estas considerações estão baseadas na entrevista com a mãe do jovem vitimado na atuação policial, na conversa com meus amigos/interlocutores sobre a geopolítica da cidade e a reflexão sobre a roupa que deveria usar para ir a uma entrevista com o padre da paróquia local. Vale salientar, que todas essas análises são iniciais, uma vez que a pesquisa se encontra em andamento, como já mencionado algumas vezes e estarei de fato no campo em 2019, depois do cumprimento das disciplinas obrigatórias na pós-graduação este ano.

No dia 08 abril de 2018 aconteceu a primeira morte por arma de fogo, desferida pelas costas, por um policial ao jovem Warlen em fuga no bairro Grocotó, na periferia de Barbacena. Fiquei surpresa quando soube da notícia, pois parecia que meu campo tinha se aberto naquele momento, era a primeira morte por um policial na cidade, e eu escolhera justamente aquela localidade para trabalhar com filtragem e abordagem policial na minha pesquisa no mestrado. Este fato foi sem dúvida a abertura das interlocuções no campo, as quais me fizeram refletir as situações sociais envolvidas e os conflitos que iram permear este acontecimento no campo.

Então, na primeira oportunidade peguei o ônibus e fui para Barbacena tentar compreender a repercussão desse fato na cidade, sabendo que tinha havido alguns dias antes uma passeata com amigos e familiares do jovem morto em forma de repúdio a atuação da polícia. Chegando na cidade, sexta feira dia 27 de abril de 2018, descobri que acontecera uma caminha organizada pela paróquia de Nossa Senhora da Assunção, no Bairro Boa morte, denominada: “Caminhada da Paz” no dia 06 de Abril, dois dias antes da morte do Warlen¹¹, em parceria com outras paróquias, comércio, escolas locais, e para meu estranhamento, com a Polícia Militar, a qual iria tocar com a sua banda no trajeto pelo o centro da cidade. Nunca tinha presenciado parceria da polícia com a igreja ou com alguma mobilização social no Rio de Janeiro, decidi marcar uma entrevista com o padre, Vanderli, para saber detalhes sobre o evento.

No dia da entrevista percebi que estava frio, coloquei uma calça jeans e casaco de moletom de capuz, pois pensei em algo confortável. Mas ao passar pelo espelho e me vi refletida, o estereótipo daquela localidade me foi acionado. Barbacena é uma cidade que as pessoas se preocupam muito com a roupa, em três anos morando ali percebi alguns constructos sociais e a roupa era sem dúvida um elemento de demarcação naquela coletividade, eu entendia que existia alguns códigos sociais atrelado a vestimenta. Sabia que se eu fosse de moletom o padre poderia ter uma outra configuração daquela entrevista e uma imagem sobre mim, não teria uma empatia comigo, algo que me fez trocar toda a roupa para uma calça mais escura, uma blusa de frio social e uma echarpe, percebi que minha roupa tinha virado uma indumentária¹² naquele momento. A situação da roupa foi uma questão que me chamou atenção, quais diacríticos perpassam a questão da roupa em

¹¹ Todos os meus interlocutores me autorizaram na gravação do áudio da entrevista e do direito de usar seus nomes verdadeiros em futuros trabalhos publicados.

¹² É um hábito relacionado com o traje em determinada época, local, cultura etc. https://www.google.com.br/search?ei=khpBW8DNBov6wQTCh43wBw&q=indument%C3%A1ria&oq=indument%C3%A1ria&gs_l=psvab.3..0110.3203.3300.0.3554.2.2.0.0.0.113.220.0j2.2.0...0...1.1.64.psv-ab..0.2.219...0i67k1.0.yrdeFnGVSCO

Barbacena? Quais estereótipos são determinados pelas roupas naquele contexto social, e quais grupos ela recai?

Este episódio me fez refletir sobre a interlocução com o campo, como eu quis criar uma empatia nesse primeiro encontro através da minha roupa. Desta forma, pode-se dizer que existe uma articulação entre o campo e o pesquisador, e é importante pensar o método etnográfico como instrumento que pode enriquecer o diálogo entre agente e interlocutor, importante entender que o campo não tem fórmula, ele é dinâmico, e nosso comportamento vai se adequando de diferentes modos para uma interlocução eficiente na pesquisa, e ainda mais na minha pesquisa que lida com instituições do Estado. Vale salientar, que todo campo está inserido em um contexto social que o permeia, e é de tamanha importância que se conheça alguns códigos sociais previamente, uma vez que não se quer gerar um constrangimento no campo, pois um ato errado do pesquisador pode acarretar a inviabilidade da pesquisa devido ao fechamento do campo.

Comecei a repensar estratégias para uma futura inserção no campo no tocante a roupa, pois eu fiquei refletindo com deveria me vestir para encontrar com autoridades policiais a posteriori, entrevistados, etc. Como a roupa naquela localidade era marcada por valores culturais, as quais deveria me ater ao acesso ao campo. Pois quando morava em Niterói, não me preocupava muito com minha vestimenta, usava a mesma por muitas vezes em diversos contextos, mas em Barbacena a roupa era pensada antes, como um instrumento facilitador do campo. Desta forma, a roupa refletiu na minha inserção, mas me fez pensar como ela interfere em uma abordagem, elementos sociais que estão contidos nela.

Trago uma breve reflexão da entrevista com a Rosângela, mãe do Warlen, que aconteceu no pátio da Universidade do Estado de Minas Gerais-UEMG, menos de um mês depois do fato ocorrido, baseada nas falas que me chamaram atenção em um primeiro momento. Rosângela narrou que no dia 08 de abril de 2018 Warlen tomou café da manhã e logo saiu de casa, mas retornou para o almoço. À noite, depois do jantar, saiu e disse que logo voltaria e nunca mais o viu com vida. A mãe chamou minha atenção quando disse que era a primeira morte pela polícia na cidade, e não entendia o porquê de ter ocorrido justamente com filho dela, que não aceitava um tiro nas costas pela polícia. Relatou que o jovem, depois de ser atingido pelo projétil, foi colocado em estabelecimento de moto taxi do bairro para esperar o socorro pelo motorista da moto, e que a polícia chegou logo após e o colocou com toda força dentro da viatura, para levar ao hospital, “- pareciam que estavam lidando com um porco, pegaram ele de qualquer

jeito e jogaram na viatura”, fato relatado por testemunhas e pela câmera de segurança do estabelecimento.

Verifica-se que o manual sobre a prática da polícia é tipo, mas o exercício da atividade nas ruas se constitui em outra forma. Cujas a obediência ou a desobediência às leis e regras não se coloca como questão de transgressão moral a regulamentos explícitos facilmente acessíveis, a serem literalmente interpretados, mas como o resultado da escolha entre a liberdade de agir e o constrangimento externo, a opção entre a implementação do desejo individual e da reprodução social de cada um, por um lado, e a submissão a um interesse geral e difuso, quase certamente manipulado em benefício da reprodução alheia, por outro (KANT DE LIMA, 1999), fazendo com que haja uma construção de um perfil da abordagem e do suspeito que difere dos manuais, que vai variar de contexto para contexto.

Quando Warlen chegou no Hospital já estava sem vida, não resistiu aos ferimentos, o tiro tinha perfurado o rim direito, causando uma infecção generalizada e vindo a óbito. Rosangela terminou dizendo: “- *é só isso, eu sei que ele tinha uns rolos aí, mas atirar nas costas foi pra matar, poderiam atirar na roda ou perseguir a moto e bater para que eles caíssem, mas atiraram nas costas né?!*”. Essa fala me chamou atenção, para a forma que é conduzida a abordagem policial, como é a formação dessa polícia no 9º Batalhão de Barbacena?

Para finalizar essa ida a Barbacena reuni alguns amigos, para entender os bairros e zonas da cidade, precisava começar construir um olhar sobre a cidade e seus espaços, conhecer como se expressa a vulnerabilidade e a violência na cidade, e nesse primeiro momento o olhar dos meus amigos, agora interlocutores, foi fundamental, pois sendo moradores de diferentes localidades da cidade.

Comprei um mapa da cidade, abri sobre uma mesa e fui marcando os pontos que eles iam me informando que era perigoso, periférico, nobre, etc. Começava a entender a geografia e os diferentes espaços da cidade, e como ela está dividida, foi uma análise inicial da pesquisa. Fui perguntando quais eram os bairros mais violentos, mais calmos, onde se sentiam seguros, onde ocorria abordagem, quais os tipos, e assim fomos mapeando a cidade através de seus olhares. Podia ver a empolgação durante a discussão sobre a questão de determinado bairro ser violento ou não, sobre como a polícia agia em um bairro e em outro, suas experiências da abordagem da PM/MG, e aos poucos eles foram visualizando as zonas da cidade e seus espaços de vulnerabilidade e perigo, disposto por eles mesmos.

Já com o mapa marcado e arrumando as coisas para ir embora, uma fala da Thalita, amiga e interlocutora, me chamou atenção: “- *Nunca tinha visto a cidade por esse ângulo, acho que nunca tinha feito uma atividade assim... é legal entender a cidade desse prisma e como ela é realmente dividida.*”. Achei esse momento muito significativo, pois vi uma reflexão da Thalita, e a troca que ocorre no campo, reciprocidade, com interlocutor é um dos elementos essenciais para uma etnografia. Encerrei o encontro com uma piadinha a ela: “- *Então, agora você é para mim o “Doc”¹³ de Foote Whyte.*” e rimos juntas.

Esta experiência de tentar compreender, de modo inicial, as configurações e os espaços da cidade fizeram-me lembrar do texto do Geertz, “Centro, reis e carisma-reflexões sobre o simbolismo do poder” que se encontra em seu livro “O Saber Local”, onde ele analisa pelo viés do carisma três modelos de monarquia, afirmando que as relações sociais se dão mediante uma construção cultural de uma determinada sociedade e contexto, assim cada sociedade terá sua cultura e particularidade, agora é entender quais as particularidade de Barbacena que influenciam o olhar do policial em sua abordagem.

Então no dia seguinte retornei ao Niterói/RJ, cidade que curso mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense, mas pensando nessa primeira inserção ao campo, na relação de amigos/interlocutores que se estabeleceu e nas futuras articulações e questões que surgiram nesse primeiro contato, e quais devolverei ao campo na minha próxima inserção, de fato.

¹³ O principal interlocutor e quem abriu as portas do campo de pesquisa para William Foote Whyte, originando o livro “*Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*”.

REFERÊNCIAS:

ALBERNAZ, Elizabete Ribeiro. **Sobre legitimidade, produtividade e imprevisibilidade: Seletividade policial e a produção da ordem social no plano de uma certa “política do cotidiano”**. Confluências- Revista interdisciplinar de sociologia e direito. ISSN 1678-7145//EISS 2318-4558. v. 17, n. 2, p.86-99. 2015 <http://www.confluencias.uff.br/index.php/confluencias/article/view/448>

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997.

DURKHEIM, Émile & MAUSS, Marcel. 1981. “Algumas Formas Primitivas de Classificação”. In: **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, pp399-456.

GEERTZ, Clifford. Centros, reis e carisma: reflexões sobre o simbolismo do poder. In: **O saber local**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

_____. **A Representação do Eu na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

LIMA, Roberto Kant. **A polícia da cidade do Rio de Janeiro: seus dilemas e paradoxos**. Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, 1994.

_____. **Polícia, justiça e sociedade no Brasil: uma abordagem comparativa dos modelos de administração de conflitos no espaço público**. REVISTA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA Nº 13: 23-38 NOV. 1999

RODRIGUES, Nina. **As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil**. Rio de Janeiro, 2011.

_____. “Mestiçagem, degenerescência e crime”. **História, Ciência, Saúde-Manguinhos**, vol.15 nº 4. Rio de Janeiro Oct./ Dec. 2008b, p. 1151-1181.

_____. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Madras, 2008ª

SILVA, Jorge da. **Violência e Racismo no Rio de Janeiro**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense-EDUFF. 1998

WEBER, Max. **Ciência e política: duas vocações**. Editora Cultrix, 2004.